

Migrações internacionais: impactos culturais na hospitalidade numa cidade média brasileira

Vania Beatriz Merlotti HERÉDIA¹
Maria do Carmo Santos GONÇALVES²
Caroline CAMARGO³

Resumo: As questões migratórias estão cada vez mais presentes nas preocupações de países que recebem fluxos de migrantes de forma contínua. No caso de Caxias do Sul, uma cidade média no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, esse fenômeno tem sido frequente e tem provocado muitas discussões e conflitos com a população local. A chegada de migrantes internacionais em Caxias do Sul começou em 2010 com os haitianos e em 2012 com os senegaleses. Os últimos já haviam vivenciado experiências migratórias para o Rio Grande do Sul, especificamente para a região Noroeste do estado onde haviam se instalado. A escolha da cidade de Caxias como local de destino tinha várias razões. Além de ser uma cidade, considerada desde a década de 1970 como um dos principais polos industriais do Estado do Rio Grande do Sul, possuía serviços que a tornavam também um polo do setor terciário na região. O presente estudo tem como objetivo identificar as contradições que nascem das distintas posições da população envolvida acerca do acolhimento e da hospitalidade frente à presença de migrações internacionais recentes na cidade de Caxias do Sul. O estudo exploratório, de natureza qualitativa, tem como método a abordagem crítica. Os sujeitos entrevistados representam instituições que lidam com a cidade. O estudo aponta para inúmeras contradições existentes na sociedade local derivadas da força da cultura local e do desconhecimento da cultura africana. Os impactos culturais são evidentes nas narrativas dos entrevistados.

Palavras-chave: Migrações internacionais; hospitalidade; Distinção social; Impactos culturais.

¹ Doutora em História pela Università degli studi di Genova. Professora Titular da Universidade de Caxias do Sul. <http://lattes.cnpq.br/2028194865995189> E-mail: vbmhered@gmail.com

² Mestre em Ciências Sociais pela PUCRS e doutorada em Ciências Sociais pela mesma Universidade. Coordenadora do Centro de Atendimento ao Migrante, Caxias do Sul. <http://lattes.cnpq.br/9077719338509103> E-mail: aesc.cam@aesc.org.br

³ Mestranda em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul. <http://lattes.cnpq.br/6353237796184558> E-mail: carol.camargo_555@hotmail.com

1 Introdução

O tema “Migrações internacionais” é de importância social já que o Brasil na última década recebeu inúmeros fluxos migratórios internacionais, o que incrementa em algumas regiões a população, mas também junto com ela as questões voltadas às vulnerabilidades sociais (HEREDIA, GONÇALVES, PANDOLFI, 2011, p. 117). Algumas regiões, como é o caso da região sudeste e sul, receberam contínuos fluxos migratórios internacionais que foram decisivos para a configuração da estrutura econômica e social do país.

A mobilidade populacional, que caracteriza os fluxos migratórios no Brasil, tem por meio de sua dinâmica, apontado características que decorrem do modelo de produção e de suas transformações. Por muitas décadas, as áreas de destino dos fluxos migratórios se localizavam nos grandes centros econômicos, principalmente aqueles que se destacavam pela sua produção industrial.

É importante acrescentar que nas últimas décadas alguns fluxos migratórios têm preferido às cidades médias em relação às regiões metropolitanas. Os dados do crescimento demográfico das cidades médias em confronto com o crescimento de cidades das áreas metropolitanas é prova dessa afirmação. Os dados demográficos presentes no Censo Demográfico de 2010 corroboram as premissas de estudos como o de Andrade e Serra (2001), que mostram que as cidades médias apresentam desempenhos positivos nas suas atividades produtivas, sendo que em alguns casos são consideradas como “agentes de modernidade dentro do parque produtivo nacional”. (Tolosa, 2001, p. i).

Dessa forma, a preferência pelas cidades médias em detrimento de centros urbanos pequenos ou de centros urbanos complexos faz com que o imigrante tenha melhores condições de se integrar devido às oportunidades que lhe são oferecidas. O argumento usado pelos autores Amorim Filho e Serra (2001) reside na ideia de que as cidades médias possuem condições de acolher migrantes à medida que se transformam em centros regionais, marcados pelas atividades produtivas, com a integração de atividades do setor secundário e terciário integradas.

Esses autores justificam que as cidades médias possuem “tamanho demográfico e funcional suficiente para que possam oferecer um leque bastante largo de bens e serviços ao espaço microrregional a elas ligado; suficientes, sob outro ponto, para desempenharem o papel de centros de crescimento econômico regional” (Amorim Filho & Serra, 2001, p.9).

O polo industrial da região da serra gaúcha onde se localiza a cidade de Caxias do Sul tem recebido historicamente fluxos migratórios, entretanto, o que chama atenção acerca dos fluxos mais recentes é que a mão de obra que antes provinha de municípios e estados vizinhos, atualmente vem de fora do país, carregando culturas bem distintas e conseqüentemente valores e modos de ser distintos. Isso implica na existência de dificuldades referente ao processo de acolhimento que não se dá na mesma medida e condição dos fluxos migratórios anteriores.

A chegada de haitianos, e de africanos, principalmente senegaleses gerou uma série de controvérsias na cidade que refletem a dificuldade da mesma em relação ao acolhimento

dessas populações. As controvérsias trazem para a discussão a aceitação do outro, das diferenças, da desigualdade social e da distinção entre grupos sociais. Fica evidente que o desconhecimento da cultura africana, seus valores, formas religiosas, hábitos culturais entre outros por parte da população dessa cidade traz uma série de desconfortos na sociedade local.

O presente estudo faz parte de um projeto maior que se denomina “Migrações e Hospitalidade” que tem por finalidade verificar como se dá o processo de hospitalidade nos grupos migratórios que chegam à cidade de Caxias do Sul. Nesse contexto, o estudo tem como objetivo analisar as contradições que nascem das distintas posições da população envolvida acerca do acolhimento e da hospitalidade frente à presença de migrações internacionais recentes na cidade de Caxias do Sul. O estudo exploratório, de natureza qualitativa, tem como método a abordagem crítica. Os sujeitos entrevistados representam instituições que lidam com a cidade, com as políticas públicas e com programas sociais.

2. O acolhimento como parte do processo migratório

Como referencial teórico, utilizaram-se as obras de Camargo (2004), Ceschi (2012), Mezzetti (2012), Frigeri (2012), Boff (2013), Amorin Filho e Serra (2001), Sayad (1998), e Ambrosini (2011). O estudo partiu do conceito que hospitalidade no imaginário pressupõe uma acolhida com ausência de preconceitos, de divergências ou de resistências. Na realidade, existem dificuldades de entender as condições pelas quais passam aqueles que migram mesmo que a população receptora tenha vivenciado experiências migratórias.

Para autores como Boff (2005, p.107), a hospitalidade pode ser uma resposta humanitária para questões que envolvem a acolhida do estrangeiro pela sociedade e pelo Estado. A hospitalidade não pode discriminar nem rejeitar. Nesse âmbito, a hospitalidade pode ser vista como “uma utopia e uma prática”. Na prática, os imigrantes se deparam com a questão da alteridade e precisam manejar a questão da diferença, das imagens que foram deles construídas e enfrentar os preconceitos históricos que carregam consigo. Para enfrentar essas marcas identitárias, precisam entender o que os caracteriza.

Para sustentar a proposta o conceito de migração passa pela definição que Feldman-Bianco (2011, p.1) utiliza como “parte constitutiva das dinâmicas da formação do capital - dinâmicas que são simultaneamente globais, nacionais e especificamente locais”. Essa autora faz uma análise que possibilita mapear as dinâmicas do poder desigual que modelam e que são, simultaneamente, contestadas em tempos e espaços específicos. Seus estudos permitem entender “a representação cultural de imigrantes às suas nacionalidades particulares como um aspecto de re-estruturação urbana, que é parte constitutiva da reconstituição de processos globais de acumulação de capital.” Essa possibilidade permite verificar a relação existente entre as representações de cultura (como um aspecto da re-estruturação urbana) e as construções de identidade com vistas a localizar as fronteiras simbólicas dessas identidades e ver como se dá a hospitalidade. Sayad (1998) outro autor importante nos estudos migratórios, coloca que o migrante possui uma situação provisória

que tem a ilusão de ser permanente. Entretanto, um conceito que permeia todo o estudo é o conceito de migração de Becker (1997, p. 323), que considera o processo migratório como uma forma de mobilidade espacial da população, ou seja, a autora vê a migração como um mecanismo de deslocamento que provoca “mudanças nas relações entre pessoas (relações de produção) e entre essas e seu ambiente físico”.

Os estudos migratórios pressupõem que há nos deslocamentos humanos necessidade de entrar em contato com um novo contexto cultural que recebe e por mais, que os motivos dos deslocamentos sejam diversos, os mecanismos de recebimento podem mostrar o grau de inserção daqueles que vêm de fora, os próprios mecanismos e as estratégias de aceitação ou resistência da comunidade em estudo.

No que diz respeito à inserção é que se pode discutir o conceito de hospitalidade. Alguns autores como é o caso de Derrida (2003), trata a hospitalidade como uma atitude do eu em relação ao outro. O outro, nessa percepção pode ser aquele que é estranho, o que pressupõe uma relação entre aquele que recebe e aquele que é recebido. Para sustentar esses conceitos, utilizou-se o estudo de Norbert Elias e Scotson (2000, p.20) cujo argumento se sustenta na ideia de que “aqueles que chegam e não se inserem automaticamente na sociedade são considerados ‘os de fora’ e esse julgamento é estabelecido ‘por aqueles que já estão estabelecidos’”. Esses autores questionam as dificuldades de entender “a mecânica da estigmatização sem um exame rigoroso do papel desempenhado pela imagem que cada pessoa faz da posição de seu grupo entre outros.” (Elias & Scotson, 2000, p.20) Dessa forma, na pesquisa fica evidenciado que os senegaleses não são vistos pelos estabelecidos como iguais e que a estigmatização funciona como elemento de distinção entre uns e outros.

2.1 Aceitação ou resistência

Os resultados da pesquisa apontam que devido à quantidade expressiva de migrantes que chegam a Caxias do Sul, as resistências são evidentes no cotidiano da cidade. A presença de estrangeiros incomoda alguns que temem perder o controle de suas vidas e da proteção que acreditam ter por parte da própria sociedade. A pesquisa evidenciou alguns destaques como: preconceitos e discriminação; contradições na inserção no mundo do trabalho e dificuldades da aceitação das diferenças culturais.

2.1.1 Preconceitos e a dificuldade de aceitação do outro

As falas da população demonstram que há um desconforto em relação principalmente aos africanos, manifestado por atitudes preconceituosas e de natureza racista.

Os discursos indicam que os preconceitos nascem do desconhecimento acerca da cultura africana e dos valores culturais que fazem parte da sociedade de proveniência dos migrantes. Revela ainda um esquecimento por parte da população que vive na cidade de que outrora foram migrantes, escondendo-se por detrás de uma hegemonia que foi

construída de um processo migratório antigo, financiado pelo governo, interessado em usufruir de mão de obra, branca, livre e fácil de ser domesticada.

O estudo aponta que o preconceito tem relação com a raça já que aceita alguns tipos de estrangeiros, mas questiona e tem dificuldades de tratar com negros de forma igualitária. É oportuno lembrar que a região de colonização europeia, localizada ao Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul teve presença de negros apenas nas áreas onde havia “fazendas”, decorrentes do sistema de sesmarias. Nessa região, onde a terra foi dividida em lotes coloniais devido à política do governo imperial, a legislação proibia o uso de escravos. Culturalmente não houve uma convivência entre grupos étnicos que abrisse espaços para o entendimento e a experiência das diferenças.

O desconhecimento histórico da própria história por parte de ambas as populações, a migrante e a nativa, provoca uma série de reações que se manifestam por meio de sentimentos de aversão. Portanto, as diferenças culturais, presentes na história entre África e Brasil, refletem a ausência de conhecimento por parte de muitos, da história da cultura afro-brasileira e dos africanos, no Brasil. O desconhecimento histórico das relações construídas entre a África e o Brasil ajuda a agudizar as manifestações contínuas de resistência entre os que chegam e aqueles que os recebem. Essa resistência tem se manifestado na sociedade local, por meio de uma série de ações que aponta para a necessidade de informar a população sobre as peculiaridades do fluxo, com o objetivo de minimizar as tensões dela derivadas.

2.1.2 Aceitação da precariedade no mundo do trabalho como condição de inserção

As migrações de cunho laboral colocam o imigrante numa situação provisória. Sayad (1998) coloca que essa condição que é típica do imigrante que busca trabalho fora da sua terra de origem, pode durar um tempo imprevisível. Essa condição cria uma ilusão que o ajuda a suportar as pressões iniciais, mas que precisa ser alimentada para manter o indivíduo na sua meta.

Sayad discute nos seus estudos que existe uma ilusão por parte do migrante da sua condição e que o migrante tem essa dimensão de estar numa condição provisória, mas que a trata como se já fosse permanente. Esse autor postula que “foi o trabalho que fez nascer o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz morrer o imigrante, que decreta sua negação, ou que o empurra para o não-ser” (1998, p.55). A ilusão que Sayad trata expressa a dupla condição que vive o imigrante quando reconhece que sua situação é provisória, mas a trata como se fosse definitiva e que no momento que se insere na sociedade que o recebe seus problemas desaparecem. Essa ilusão acompanha o imigrante para sempre pois ele continua sendo o estrangeiro mesmo que se sinta acolhido.

Muitos imigrantes desconhecem as normas legais do trabalho na sociedade que os recebe e aceitam as condições oferecidas pelas instituições que os abrigam, sem dimensionar que nem sempre as leis do país os protegem. O desconhecimento da legislação

trabalhista faz com que muitos se coloquem num lugar de subalternidade, onde as relações de trabalho são precárias, insalubres, sem nenhuma proteção legal.

Constatou-se nos estudos realizados que o imigrante que vem de outro país e desconhece a cultura da sociedade que o recebe, mesmo que queira colaborar imediatamente para garantir sua sobrevivência enfrenta obstáculos pelo desconhecimento das normas e das regras que são distintas das suas.

Na visão dos empresários, à medida que existe necessidade de mão de obra, não interessa se são ou não estrangeiros. O que interessa é se estão disponíveis para trabalhar pelo que é oferecido, incluindo as condições de trabalho precárias e o pagamento abaixo do salário habitual. Chamam a atenção de que os lugares onde os senegaleses se inseriram inicialmente no mercado de trabalho na região Nordeste do Rio Grande do Sul foram nos setores de serviços devido a dificuldade de encontrar mão de obra. Segundo depoimentos dos empresários entrevistados, “frigorífico, a fundição e a construção civil foram setores que empregou inicialmente os senegaleses”.

[...] Realmente só estava desempregado quem não queria trabalhar. (Entrevistado Nº2, setembro, 2015)

[...] São pessoas (as que discriminam) que não tem a mínima ideia do que é o mundo. (Entrevistado Nº1, agosto, 2015)

[...] Serviços onde realmente era muito pesado, insalubre, perigoso. É o caso de frigoríficos, fundição, até a própria construção civil. Foi o primeiro lugar que absorveram porque tinham dificuldade de mão de obra. (Entrevistado Nº1, agosto de 2015)

A hospitalidade no mundo do trabalho apresenta repercussões ambíguas. De um lado, a precariedade e as condições de trabalho insalubre para aqueles que precisam trabalhar e não tem a quem reclamar. De outro lado, a conquista por parte de vários migrantes de um espaço de trabalho formal, reconhecido e exemplar, como mão de obra disciplina e eficaz.

Nessa direção, os depoimentos mostram que os senegaleses deram demonstração de capacidade e honestidade e vieram dispostos a trabalhar. “São pessoas de extrema capacidade, honestas e trabalhadores.” (Entrevistado Nº1, agosto de 2015). O acolhimento por parte de vários empresários, mesmo que sejam evidentes seus interesses, mostram que há um ato de receber em troca do serviço prestado e há nessa troca um reconhecimento por parte de ambos. A contradição desse acolhimento é vista pelas condições que os senegaleses enfrentam nos ambientes de trabalho quando vivenciam situações de precariedade, informalidade e insalubridade.

2.1.3 Impactos culturais nascidos das diferenças religiosas

Muitas diferenças culturais ficaram evidentes na pesquisa. A religião foi uma delas. Os senegaleses que se instalaram em Caxias do Sul são na sua maioria muçulmanos. A presença da religião islâmica não era comum até alguns anos atrás. Inclusive nas duas

últimas décadas também cresceu a presença de outras religiões na cidade. A religião católica manteve por muito tempo a hegemonia e os ritos católicos tiveram sempre muita procura. Entretanto, com a chegada de migrantes internos e com o crescimento da cidade, a cultura religiosa sofreu muitas transformações, abrindo espaços para a presença de novos grupos religiosos.

Na pesquisa, a identidade como muçulmanos para muitos não interfere na vida coletiva. Entretanto, há um desconhecimento das regras dos muçulmanos na cidade quanto à estrutura familiar, a religião e a própria moral. Vários depoimentos registram que os senegaleses são disciplinados, honestos e trabalhadores. Por que então a religião interferiria na permanência na cidade? É importante lembrar que os migrantes são considerados muitas vezes estrangeiros que vieram para trabalhar. Trabalhar é possível, mas conviver tem suas contradições e diferenças. Nesse sentido, implica novamente a capacidade da cidade de hospedar aqueles que vêm de fora para trabalhar, e ao mesmo tempo, aprender a compartilhar aquilo que a cidade oferece para os que nela convivem. A aceitação e acolhida para o trabalho ocorre sem ampliar a essa acolhida a outra, aquela que representa o acesso a uma série de espaços sociais que possam receber o migrante com mais humanidade, generosidade, sem tanta distinção, preconceito e hostilidade.

Um dos entrevistados lembrou um evento que ocorreu com dois senegaleses quando os mesmos chegaram a Caxias do Sul. O entrevistado narra que os dois senegaleses “afugentaram um ladrão, protegendo a vítima contra o roubo”. Atribui que esse fato gerou “uma pequena mudança na mentalidade de alguns habitantes que reconheceram no fato uma boa ação”. O entrevistado afirma ainda que “a hospitalidade não foi boa no início”, e que esse fato, mudou a imagem que muitos tinham sobre os senegaleses.

Os entrevistados que representaram as instituições religiosas no estudo evidenciaram a dificuldade que a cidade tem de acolher os estrangeiros. Mesmo que existam fatos que comprovem que a cidade acolheu e acolhe os estrangeiros, também há indícios dos preconceitos que os senegaleses enfrentaram por parte da população, o que demonstra um medo do desconhecido, da cultura que os caracteriza, da religião que professam e das instituições que frequentam. Nas suas falas, salientam que a sociedade local:

Tem medo do estrangeiro, tem medo das doenças, tem medo do trabalho [...] Acolher... Uma pessoa que não fala nem a nossa língua, que é de outra religião. [...] A migração faz bem a nós que estamos aqui porque abre os olhos, não é de um dia para o outro, precisa um tempo. (Os italianos vieram para cá... No começo sofreram muito, mais do que esses que vem agora acho, porque não tinha casa não tinha nada, não tinha estrada, não tinha comida, não tinha nada [...] Então sofreram mais do que aqueles que chegam aqui [...] Criaram uma cultura, não a mesma que a italiana. Os italianos aqui não são iguais aos italianos de lá. Eles assumiram valores daqui e transmitiram valores que nos trouxeram [...]Entrevistado N.6, janeiro de 2016).

A narrativa acima mostra que no senso comum, existe uma comparação constante entre os que chegaram primeiro e os demais. Os que chegaram primeiro se veem no direito

de dizer aos demais que as regras construídas por eles são as que estão em vigor, e que, conforme dito anteriormente acerca do mecanismo de “estigmatização” por Elias e Scotson (2000, p.20) que: “os membros de um grupo mantêm entre si a crença em que são não apenas os mais poderosos, mas também seres humanos melhores que os outros”.

Porque tem gente com medo, agora vêm os muçulmanos. Estão invadindo a Europa, então daqui a pouco os muçulmanos estão lá em Roma construindo mesquita e outras coisas. Eu penso que a migração resultará também a eles abrir os olhos, a não ser tão fanáticos em religião, pensando que só eles estão certos. (Entrevistado N.6, janeiro de 2016).

A visão de que a migração amplia a cultura dos que nela estão envolvidos está sustentada no espaço que oportuniza para a sociedade que recebe de conhecer outros modos de vida coletivos consagrados não é compartilhada por todos. A posição do medo ao desconhecido comum nas falas dos entrevistados remete a preocupação que os mesmos possam alterar o “status quo”. Nesse contexto, a discussão acerca da hospitalidade mostra as dificuldades de ver o outro como igual, de aceitar o outro naquilo que pode colaborar para a ampliação da cultura, no sentido de que o diferente colabora para o conhecimento das diferenças.

Nós seremos enriquecidos pela cultura deles e eles serão enriquecidos pela nossa cultura, liberdade, respeito. Aqui a mulher tem seus direitos mais do que eles lá [...] Então são valores que nós temos e nem nos damos conta que temos esses valores [...] Entender também mais a espiritualidade deles... Maneira deles de se relacionar com Deus. Nós somos muito práticos [...] Eles são mais espiritualistas, aquilo que eu falo, falta para nós um pouco de espiritualidade. (Entrevistado N.6, janeiro de 2016).

A hospitalidade para os que são de fora não necessariamente implica na adesão de sua cultura para os estabelecidos. Mesmo assim, as resistências culturais evidenciadas pelos estabelecidos são demonstrações das preocupações que eles visualizam diante da postura dos que chegam, no sentido de que eles possam se fortificar na sociedade de acolhimento, ao invés de apenas contribuírem para o trabalho como meio de sobrevivência, podendo influenciar e contaminar mudanças que nunca foram pensadas pelos seus membros. Reaparece o conceito de migrante de Sayad que se coloca na condição provisória de estar ali, colaborando para a reprodução do sistema, sem um lugar oficial, reconhecido pela sociedade.

3. Considerações finais

A inserção dos imigrantes na sociedade local promoveu processos de integração, nos quais a cidade aceita em parte as diferenças culturais que os mesmos trazem em suas histórias de vida. A aceitação permite que o imigrante tenha condições de inserção no mundo do trabalho apesar das dificuldades que enfrenta para tal. Mais por necessidade de

mão de obra do que por aceitação do outro que enriquece a cultura no convívio provocado pela diversidade cultural.

O estudo confirma a tese de Lee (1966, p.108) que a migração em grande parte tende a ocorrer segundo correntes bem definidas. Essa tese parte do princípio que “rotas bem definidas se dirigem a destinos específicos.” Postula que “o fato de os primeiros migrantes terem superado uma série de obstáculos diminui a dificuldade de deslocamento para os migrantes que lhe seguem” (1966, p.108).

No caso dos senegaleses, as dificuldades enfrentadas na viagem produzem outras dificuldades no momento da chegada já que os recursos previstos para todo o deslocamento são gastos antecipadamente pelas condições que são forçados a superar para sobreviver no percurso. O acolhimento é feito por aqueles que chegaram antes e na sua grande maioria contam com os serviços de instituições privadas, de cunho religioso.

As diferenças culturais são passíveis de serem identificadas, à medida que os interesses econômicos que predominam na região, são marcados por contínuos fluxos migratórios. Esses fluxos, de tipo laboral, movimentam indivíduos que se deslocam em busca de trabalho.

Na cidade de Caxias do Sul, a integração dos senegaleses tem se dado por meio de uma série de atividades que os senegaleses têm oportunizado a sociedade local para o conhecimento da sua cultura. A hegemonia cultural, mesmo que tenha se passado mais de um século, ainda é atribuída à presença dos italianos na região, por meio da ocupação territorial no século XIX. O favorecimento a esse fluxo migratório inicial foi assegurado pela Lei de Terras de 1850 e essa ocupação, marcada pela presença dos europeus resultou na construção da italianidade. Essa região foi sempre reconhecida pelo trabalho do imigrante italiano e a chegada de fluxos migratórios distintos na primeira década do século XXI gerou esses questionamentos sobre o acolhimento, hospitalidade, alteridade e discriminação social.

É evidente o choque cultural que produz a migração africana na região de colonização italiana. Os conflitos gerados pela inserção realçam dois aspectos distintos que ocorrem na acolhida nessa sociedade: o elemento étnico e a cultura distinta que carregam do país de origem. Esses aspectos ocorrem simultaneamente, o que não torna possível separá-los. As marcas visíveis da etnia dos migrantes e a força da cultura que os caracteriza impede de analisar os conflitos gerados por um ou por outro elemento. A questão étnica tem provocado discursos contraditórios no ato de acolhida. São migrantes, são estrangeiros que vieram para trabalhar num momento de restrições inclusive para os ditos nativos se bem que os de fora conseguem se inserir em trabalhos que os do local não aceitam mais realizar. Essa situação contextualiza divergências que ocorrem nesse processo.

É oportuno lembrar que os deslocamentos populacionais no século XXI, se configuram como migrações tipicamente laborais (AMBROSINI, 2011), ou seja, aqueles que vêm de fora do país devido a: falta de emprego, dificuldades de acesso a terra, empregos mal remunerados, quebra de negócios, guerras, revoluções, ditaduras, movimentos políticos violentos entre tantos outros motivos. O que é comum é que acreditam que sobreviverão,

pois acreditam na hospitalidade. A crença passa a ser um fator de luta, de força e de perspicácia no enfrentamento das dificuldades que se fazem presente nos fluxos.

Fica visível nos relatos dos entrevistados que os senegaleses são vistos como estrangeiros, e não como seres humanos, iguais, que precisam de uma oportunidade para trabalhar. A “etnicidade” como forma de organização social, como diz Barth (1998, p.141), “baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta”, traz à tona os elementos simbólicos que a caracterizam como diferente. Esses elementos na cultura senegalesa são vistos como objetos tangíveis e intangíveis que os une e os integra na sociedade e ao mesmo tempo os distingue e os separa na sociedade local.

As diferenças culturais registradas evidenciam as resistências sofridas por esses africanos por parte da população. Mesmo que seja necessário um período para o conhecimento da cultura daquele que vêm de fora, a resistência aparece como uma forma de discriminação social, preconceito racial. Nem sempre esse tempo é adequado e conflitos emergem desse desconhecimento entre as duas culturas.

Mesmo que a população do lugar não tenha nada contra esses estrangeiros, não os vê com naturalidade e não recorda a história de seus antepassados que também foram migrantes, estrangeiros em terras alheias.

Referências bibliográficas

AMBROSINI, Maurizio. (2011). *Sociologia delle migrazioni*, Bologna: Il Mulino.

ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V. (Org.). (2001). *Cidades médias brasileiras*, Rio de Janeiro, RJ: Ipea.

BARTH, F. (1998). Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da Etnicidade*, São Paulo: UNESP.

BAENINGER, R.; PATARRA, N. L.(2004). Migrações internacionais, globalização e blocos de integração econômica – Brasil no Mercosul. *Congresso de Associação Latino-Americana de População*, ALAP, Minas Gerais, MG.

BECKER, Olga Maria Schild. (1997). Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.) *Explorações geográficas: percursos no fim do século*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BOFF, L. (2005). *Virtudes para um outro mundo possível. Hospitalidade: direito e dever de todos*, Petrópolis: Vozes.

BRASIL. (2010) *Censo demográfico 2010: características gerais da população*, Rio de Janeiro, RJ: IBGE.

CAMARGO, L. O. L.(2004). *Hospitalidade*, São Paulo: Aleph.

CESCHI, S. (Org.) (2012). *Movimenti migratori e percorsi di cooperazione: l'esperienza di co-sviluppo di Fondazioni4Africa-Senegal*, Roma: Carocci.

DERRIDA, J. (2003). Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade, São Paulo: Escuta.

ELIAS, N.; SCOTSON, J.L. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders*, Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

FARIAS, A. B. (2014). Filosofia da hospitalidade para uma futura ética do estrangeiro. In: SANTOS, M. M. C.; BAPTISTA, I. (Org.). *Laços sociais: por uma epistemologia da hospitalidade*, Caxias do Sul, RS: EDUCS.

FELDMAN-BIANCO, B. (2001, dez.). Brazilians in Portugal, Portuguese in Brasil: Cultural Constructions of Sameness and Difference in FELDMAN-BIANCO, B.(org.). Colonialism as a Continuing Project: The Portuguese Experience, *Identities: Global Studies in Culture and Power*, 8(4), pp. 607-650.

FRIGERI, D.(2012). Rimesse, inclusioni finanziaria e sostegno alle istituzioni di microfinanza. Un modello pilota fra Italia e Senegal. CESCHI, S. (Org.) (2012). *Movimenti migratori e percorsi di cooperazione: l'esperienza di co-sviluppo di Fondazioni4Africa-Senegal*, Roma: Carocci.

HERÉDIA, V. B. M.; MOCELLIN, M. C.; GONÇALVES, M. do C. (Org.). (2011). *Mobilidade humana e dinâmicas migratórias*, Porto Alegre: Letra & Vida.

HERÉDIA, V. B.M. (Org.). (2015). *Migrações internacionais: o caso dos senegaleses nos Sul do Brasil*, Caxias do Sul: Belas Letras.

LEE, E. S. Lee. Uma teoria sobre a migração. (1980). 89-114, In: *Teorias e modelos migratórios*. Fortaleza: Departamento de Estudos Econômicos (ETENE) do Banco do Nordeste do Brasil.

MAUSS, M. (1974). *Sociologia e antropologia*, São Paulo, SP: EPU.

CESCHI, S. MEZZETTI, P. (2012) Migranti come forza internazionale per lo sviluppo? Un'analisi con luci e ombre. In: CESCHI, S. (Org.) (2012). *Movimenti migratori e percorsi di cooperazione: l'esperienza di co-sviluppo di Fondazioni4Africa-Senegal*, Roma: Carocci.

SANTOS, M. M. C. dos; PERAZZOLO, O. A. (2012, jan./abr.). Hospitalidade numa perspectiva coletiva: O corpo coletivo acolhedor. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 6(1), pp. 3-15.

SAYAD, A. (1998). *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*, São Paulo: Edusp.

SINGER, P.(1998). *Economia política da urbanização*, São Paulo, SP: Contexto.

TOLOSA, H. C. (2001). Política nacional de desenvolvimento urbano: uma visão econômica. Pesquisa e planejamento econômico. Rio de Janeiro, v.2,n.1,junho.1972. In: Andrade, T.A. e SERRA, R.V. (Org). *Cidades Médias Brasileiras*. Rio de Janeiro: IPEA.

VISENTINI, P. F.; RIBEIRO, L. D. T.; PEREIRA, A. D. (2013). *História da África e dos africanos*, Petrópolis: Vozes.